

PEQUENOS PRÍNCIPES



Coleção:
Ilhas e Encantamentos
São Tomé e Príncipe

Autoria:
Edição de **Sara Marques Pereira**, a partir de clássicos da literatura e das histórias de vida de **Nha Toca, Nho Lino, Neca, Lindi, “Vaninha” Joaquina e Tio Eduíno**

Ilustração:
Inteligência Artificial, a partir da conversão de testemunhos narrados, fotografias e postais



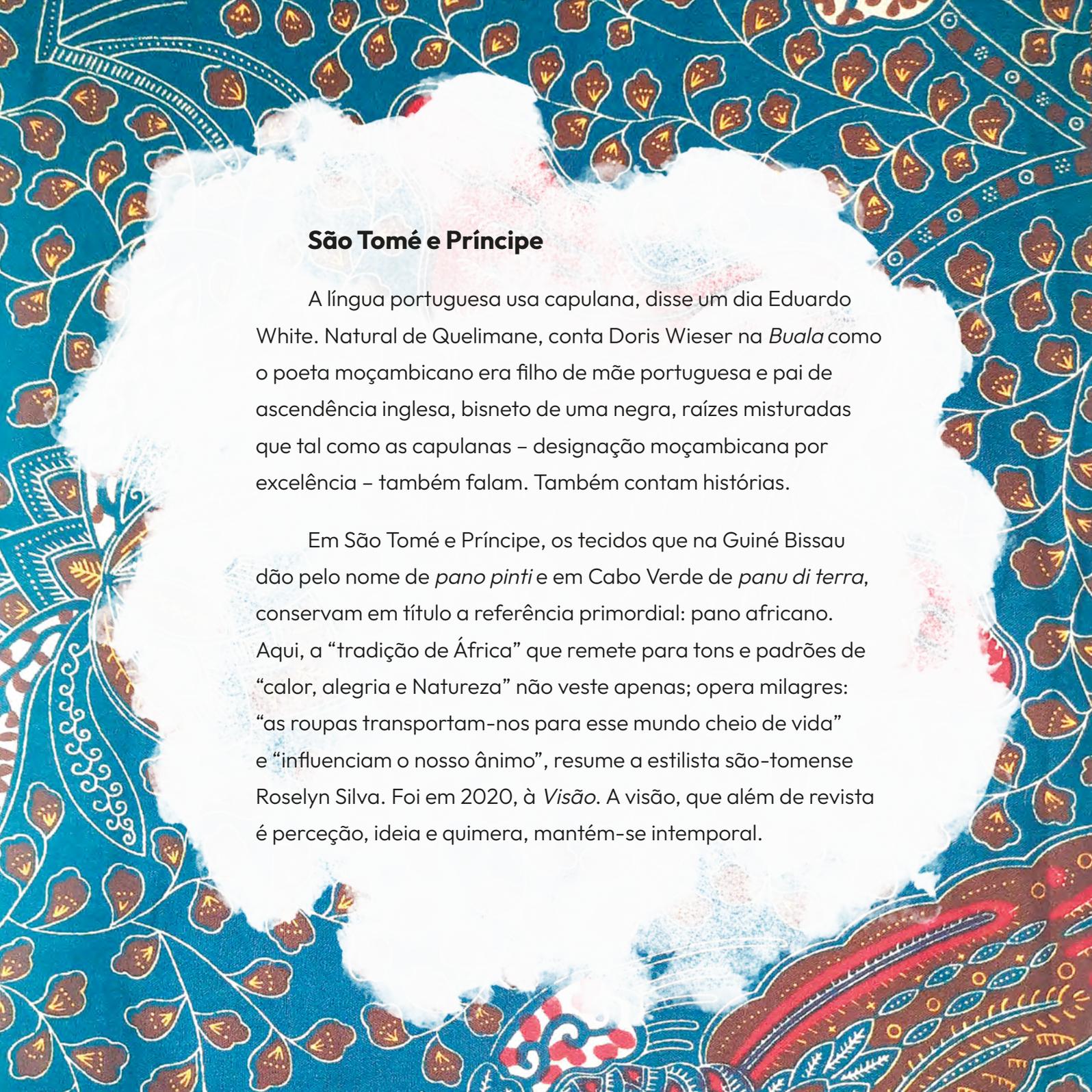


Este livro faz parte de uma coleção de 12 títulos, editada no âmbito do projeto **“Ilhas e Encantamentos- Reforço do setor da literatura infantojuvenil e de emprego cultural criativo”**.

O projeto integra vários territórios – **Ilha de Moçambique, Cidade Velha e Ilha do Maio (Cabo Verde)**, arquipélago dos **Bijagós (Guiné Bissau)** e **Ilhas de São Tomé e do Príncipe** – todos eles com um património material, imaterial e natural único, que se pretende mobilizar para a criação e publicação de literatura para a infância e juventude.

Ao leres este livro ficas a saber o que de melhor tem o nosso património... As nossas estórias, as nossas memórias e o nosso saber-fazer.

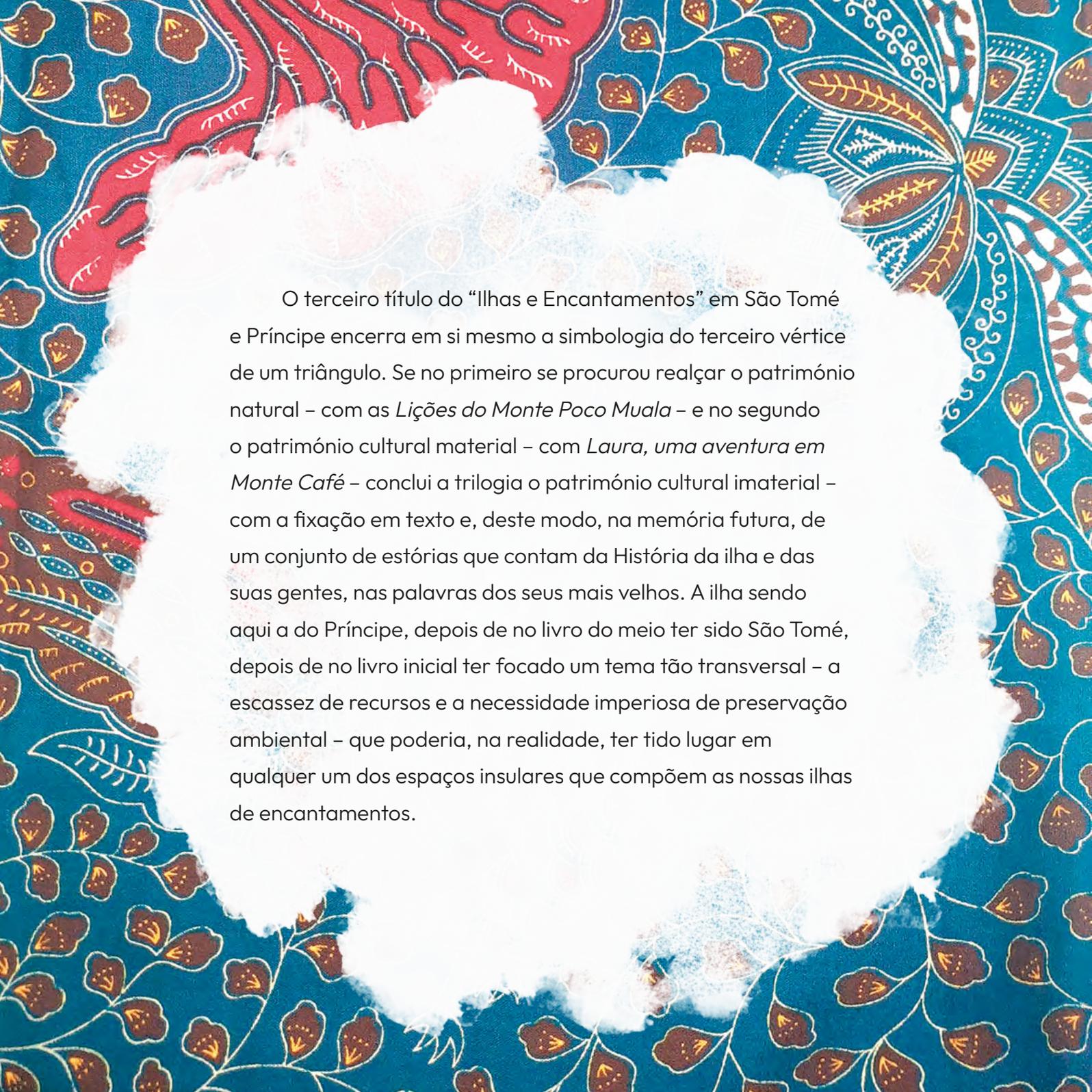




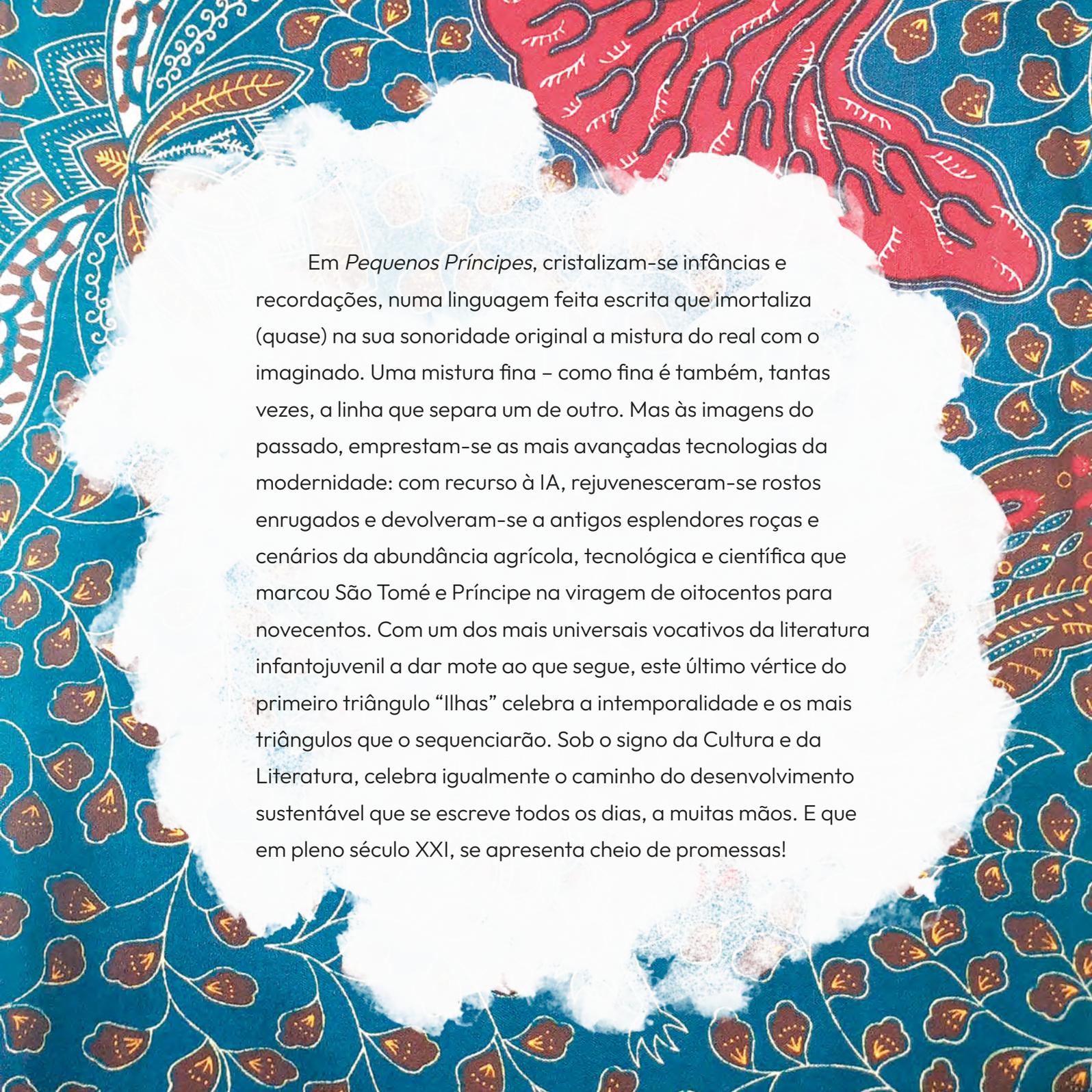
São Tomé e Príncipe

A língua portuguesa usa *capulana*, disse um dia Eduardo White. Natural de Quelimane, conta Doris Wieser na *Buala* como o poeta moçambicano era filho de mãe portuguesa e pai de ascendência inglesa, bisneto de uma negra, raízes misturadas que tal como as *capulanas* – designação moçambicana por excelência – também falam. Também contam histórias.

Em São Tomé e Príncipe, os tecidos que na Guiné Bissau dão pelo nome de *pano pinti* e em Cabo Verde de *panu di terra*, conservam em título a referência primordial: pano africano. Aqui, a “tradição de África” que remete para tons e padrões de “calor, alegria e Natureza” não veste apenas; opera milagres: “as roupas transportam-nos para esse mundo cheio de vida” e “influenciam o nosso ânimo”, resume a estilista são-tomense Roselyn Silva. Foi em 2020, à *Visão*. A visão, que além de revista é percepção, ideia e quimera, mantém-se intemporal.



O terceiro título do “Ilhas e Encantamentos” em São Tomé e Príncipe encerra em si mesmo a simbologia do terceiro vértice de um triângulo. Se no primeiro se procurou realçar o património natural – com as *Lições do Monte Poco Muala* – e no segundo o património cultural material – com *Laura, uma aventura em Monte Café* – conclui a trilogia o património cultural imaterial – com a fixação em texto e, deste modo, na memória futura, de um conjunto de estórias que contam da História da ilha e das suas gentes, nas palavras dos seus mais velhos. A ilha sendo aqui a do Príncipe, depois de no livro do meio ter sido São Tomé, depois de no livro inicial ter focado um tema tão transversal – a escassez de recursos e a necessidade imperiosa de preservação ambiental – que poderia, na realidade, ter tido lugar em qualquer um dos espaços insulares que compõem as nossas ilhas de encantamentos.



Em *Pequenos Príncipes*, cristalizam-se infâncias e recordações, numa linguagem feita escrita que imortaliza (quase) na sua sonoridade original a mistura do real com o imaginado. Uma mistura fina – como fina é também, tantas vezes, a linha que separa um de outro. Mas às imagens do passado, emprestam-se as mais avançadas tecnologias da modernidade: com recurso à IA, rejuvenesceram-se rostos enrugados e devolveram-se a antigos esplendores roças e cenários da abundância agrícola, tecnológica e científica que marcou São Tomé e Príncipe na viragem de oitocentos para novecentos. Com um dos mais universais vocativos da literatura infantojuvenil a dar mote ao que segue, este último vértice do primeiro triângulo “Ilhas” celebra a intemporalidade e os mais triângulos que o sequenciarão. Sob o signo da Cultura e da Literatura, celebra igualmente o caminho do desenvolvimento sustentável que se escreve todos os dias, a muitas mãos. E que em pleno século XXI, se apresenta cheio de promessas!



**PEQUENOS
PRÍNCIPES**



**MACACO LUÍS
EA JÓIAS DA
DONA JURACI**



NOME

Tio Eduíno

IDADE

70 anos

ORIGEM

Cabo Verde

Antigo trabalhador das
roças Infante D. Henrique,
Abade e Terreiro Velho

Vim pequenino de Cabo Verde para a Roça Infante, crio de mama assim (um gesto manual, rente ao chão, estabelece a altura). Aqui fiquei mais grande, quando fechou fui para Abade e depois é que vim para Terreiro (Velho). Mãe morreu, pai morreu, madrinha morreu, não tinha mais ninguém... fiquei sozinho eu.

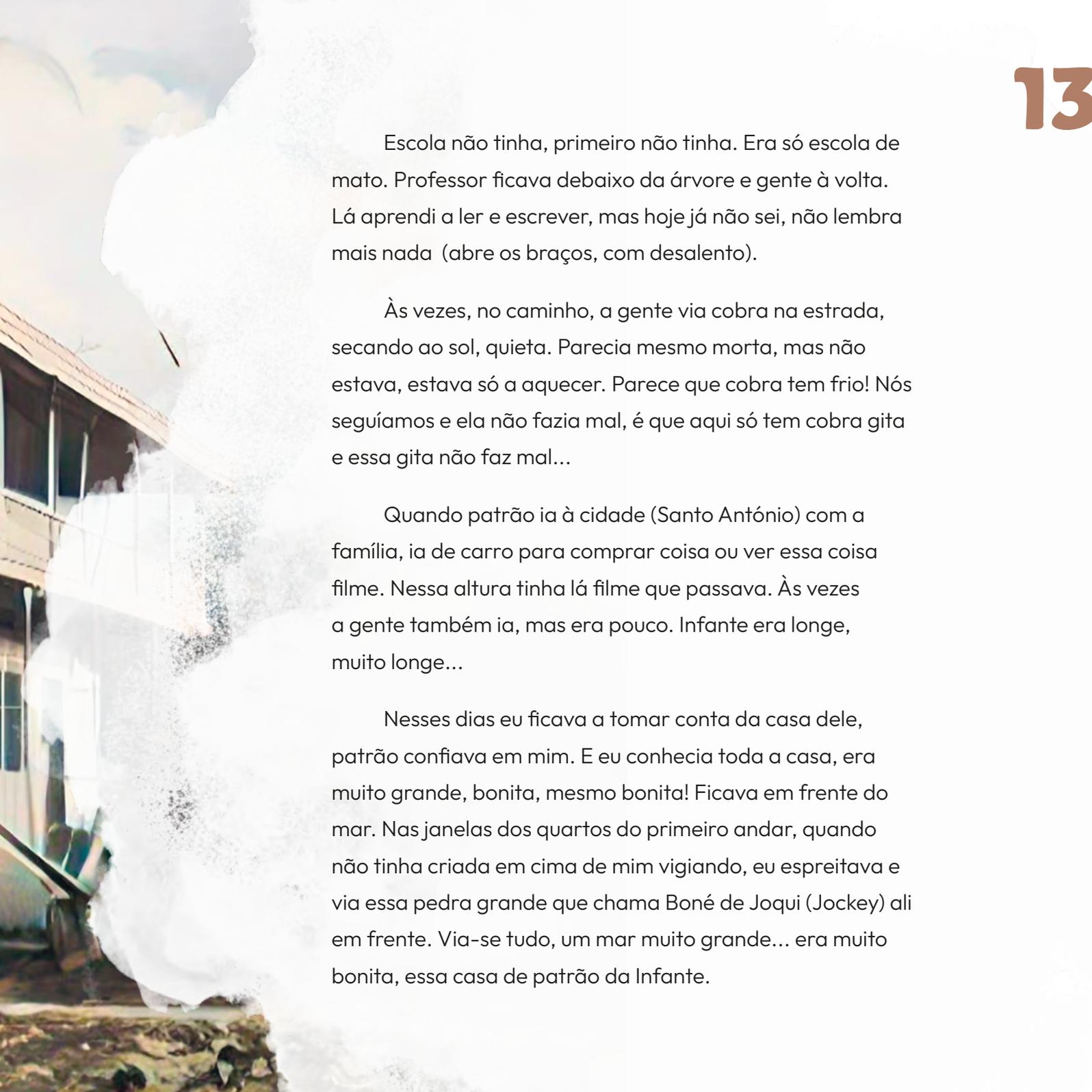
Na Infante o meu trabalho era cavalo só, andava com cavalo e branco no mato. Infante tinha dois feitores, quando um entrava ao serviço outro saía, era assim. Selava cavalo muito bem, subia para cavalo e passava lá todo o tempo com patrão e capataz. Quando chegava uma hora de relógio ia para casa com eles, era hora de rancho.

Era menino importante, montado no cavalo grande, menino pequenino, bem direito, passava pelas outras crianças que capinavam nos seus terreiros acompanhado dos brancos, ia importante e sério.



12





Escola não tinha, primeiro não tinha. Era só escola de mato. Professor ficava debaixo da árvore e gente à volta. Lá aprendi a ler e escrever, mas hoje já não sei, não lembra mais nada (abre os braços, com desalento).

Às vezes, no caminho, a gente via cobra na estrada, secando ao sol, quieta. Parecia mesmo morta, mas não estava, estava só a aquecer. Parece que cobra tem frio! Nós seguíamos e ela não fazia mal, é que aqui só tem cobra gita e essa gita não faz mal...

Quando patrão ia à cidade (Santo António) com a família, ia de carro para comprar coisa ou ver essa coisa filme. Nessa altura tinha lá filme que passava. Às vezes a gente também ia, mas era pouco. Infante era longe, muito longe...

Nesses dias eu ficava a tomar conta da casa dele, patrão confiava em mim. E eu conhecia toda a casa, era muito grande, bonita, mesmo bonita! Ficava em frente do mar. Nas janelas dos quartos do primeiro andar, quando não tinha criada em cima de mim vigiando, eu espreitava e via essa pedra grande que chama Boné de Joqui (Jockey) ali em frente. Via-se tudo, um mar muito grande... era muito bonita, essa casa de patrão da Infante.







Uma vez eu tive um macaco que era Luís. Gostava muito dele, era pequeno quando encontrei no mato perdido de mãe. Era um bom macaco mas roubava muito, entrava na nossa casa e na casa de patrão e tirava coisa (ri com gosto) .

Um dia a patroa, Dona Juraci, queixou que tinha desaparecido uma jóia dela da caixa e eu fiquei muito assustado, porque tomava conta da casa, era minha responsabilidade e tinha desaparecido coisa. Depois lembrei e passei a tarde a chamar o Luís, corri os montes ali ao lado até o mato alto, perguntei aos outros meninos se tinham visto, nada. Toda a criança conhecia o Luís, mas o macaco não aparecia, chamei de doer a garganta:

– Luís, Luís, vem cá! Toma comida!

E nada. Até que caindo a noite, ele apareceu descendo da árvore por cima do telhado da casa, vinha devagar e um pouco estranho, parecia medo e vi boca dele cheia. Consegui agarrar, mansinho, passei devagar mão no pelo para não assustar e disse:

– Vem cá Luís, que tens na boca? Cospe aqui na minha mão!

E ele abriu a boca e deitou o que tinha assim, na mão... lá estava a coisa da patroa. Lavei muito bem, fui entregar pra Dona Juraci. Ela ficou muito contente! Era um bom macaco, este Luís!

Nos dias de festa fazíamos muita comida, cachupa, tudo numas panelas de ferro, mesmo assim com pés (desenha no ar com o dedo os pés da panela e os olhos acompanham, brilham e riem à lembrança). Tinha de tudo, porco de mato, galinha, peixe, bebida, dança; essa dança de Cabo Verde, todos éramos de lá. E que grande era a festa que fazíamos...

Não sei o que aconteceu às panelas de ferro. Depois veio independência e acabou tudo na Infante, pessoa só levou coisa (expressão muda e fica triste, abana a cabeça e repete): pessoa levou.

Infante tinha hospital e enfermaria, secador, oficinas, tinha comboio com linha que ia para a cidade. Depois caiu tudo, toda coisa pessoa só levou e hoje é só mato ali, uns *muros di tempu* (do tempo colonial) no meio e só mato grande. E boi a pastar lá...

Casa de patrão era grande, não era pequena não. Tinha que ver. As outras casas de Abade e Terreiro (Velho) eram mais pequenas. Roça Terreiro é bonita também, tem vista grande e ainda está aí a trabalhar. Tem gente lá no trabalho do cacau (aponta a casa, o terreiro e os secadores. Sorri).





19

20



“ A velha Totonha, de quando em vez, batia no engenho. E era um acontecimento para a meninada. Ela vivia de contar histórias de Trancoso. Pequenina e toda engelhada, tão leve que uma ventania poderia levá-la, andava léguas e léguas a pé, de engenho a engenho, como uma edição das Mil e Uma Noites. Que talento ela possuía para contar as suas histórias, com um jeito admirável de falar em nome de todos os personagens! Sem um único dente na boca, e com uma voz que dava todos os tons às primeiras.

As suas histórias para mim valiam tudo. Ela também sabia escolher o seu auditório. Não gostava de contar para o primo Silvino, porque ele se punha a tagarelar no meio das narrativas. Eu ficava calado, quieto, diante dela. Para este seu ouvinte a velha Totonha não conhecia cansaço. Repetia, contava mais uma, entrava por uma perna de pinto e saía por uma perna de pato, sempre com aquele seu sorriso de avó de gravura dos livros de histórias. E as lendas eram suas, ninguém as sabia contar como ela. Havia uma nota pessoal nas modulações da sua voz e uma expressão de humanidade nos reis e nas rainhas dos seus contos. O seu Pequeno-Polegar era diferente. A avó que engordava os meninos para comer era mais cruel que a das histórias que outros contavam. ”

José Lins do Rego, Menino de Engenho (1932)

22

**TUDO
NÃO PODE
ACABAR DE VEZ**





NOME
Nha Toca

IDADE
62 anos

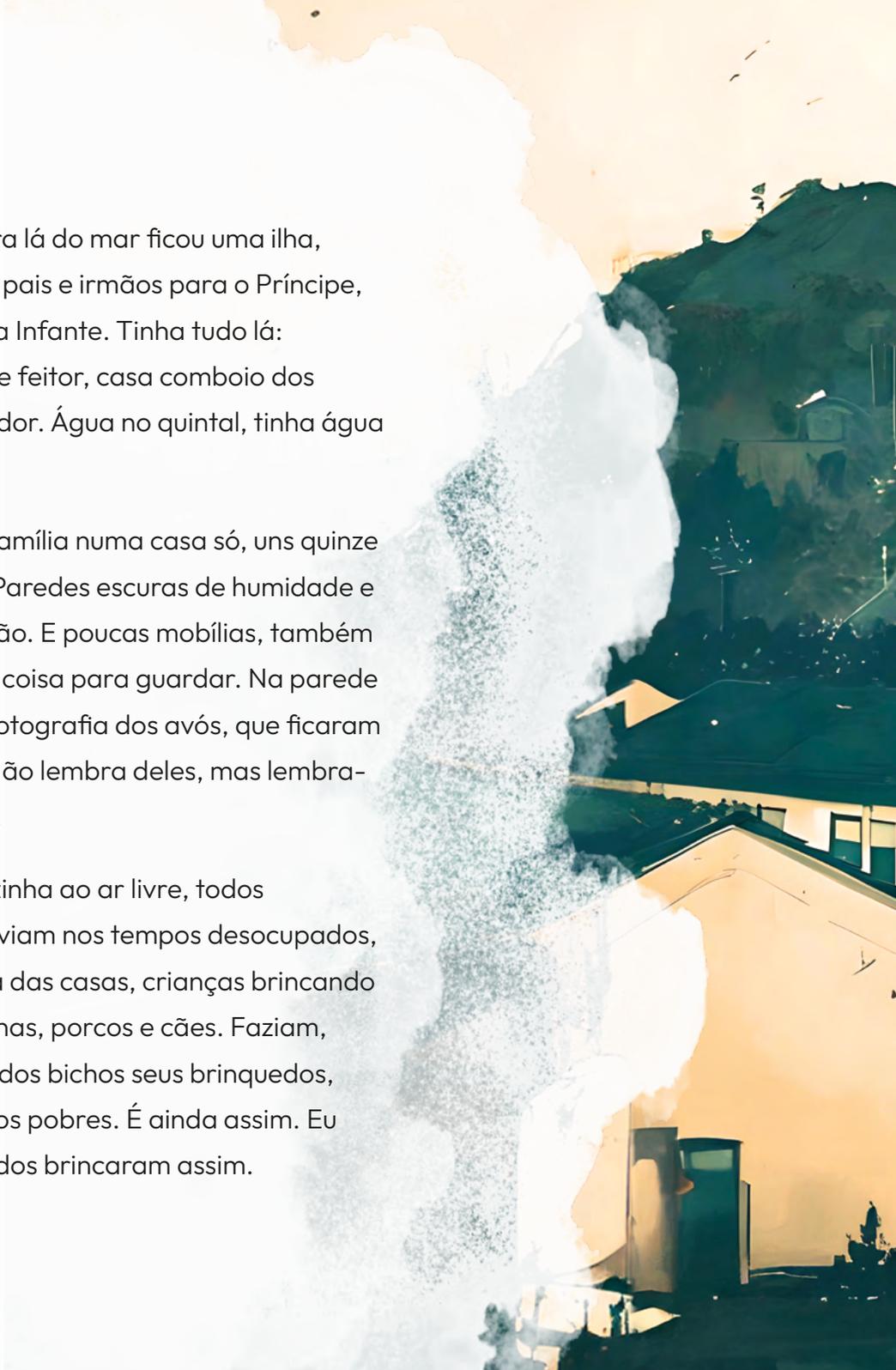
ORIGEM
Cabo Verde

Antiga trabalhadora das
roças Infante D. Henrique
e Nova Estrela

Onze anos. Para lá do mar ficou uma ilha, minha ilha. Vim com pais e irmãos para o Príncipe, trabalho era na Roça Infante. Tinha tudo lá: casa grande, casa de feitor, casa comboio dos trabalhadores, secador. Água no quintal, tinha água no quintal!

Morava cada família numa casa só, uns quinze metros quadrados. Paredes escuras de humidade e fumo, esteiras no chão. E poucas mobílias, também ninguém tinha tanta coisa para guardar. Na parede um crucifixo e uma fotografia dos avós, que ficaram lá em Cabo Verde. Não lembra deles, mas lembra-me bem da imagem.

Cá fora, na cozinha ao ar livre, todos trabalhadores conviviam nos tempos desocupados, sentados na entrada das casas, crianças brincando no quintal com galinhas, porcos e cães. Faziam, também, do mato e dos bichos seus brinquedos, brinquedo de meninos pobres. É ainda assim. Eu tive cinco filhos; e todos brincaram assim.









Pais morreram cedo, vida na roça era muito dura. Começa a trabalhar logo, como outras crianças da mesma idade. Levantava de madrugada com os adultos e ia para mato carregar lenha verde, quebrar coco para o secador, uma fornalha acesa que secava devagarinho as nozes de cacau. A cada criança cabiam cem metros quadrados de terra; criança trabalhava: capinava, pegava coco, partia, tudo no machim, como gente grande.

À tarde estudava um bocadinho só, não tinha dinheiro para livro e caderno, era precisa ajuda no trabalho. Chovia muito e, quando chovia, crianças e adultos não conseguiam secar a roupa no corpo; nessa altura das chuvas, gente vestia roupa molhada para ir trabalhar, ia assim mesmo... muito castigado. Agora não. Pessoa fica em casa, trabalha no quintal próprio, pega fruta para comer: mamão, abacate, manga, banana. Tudo terra dá!





30

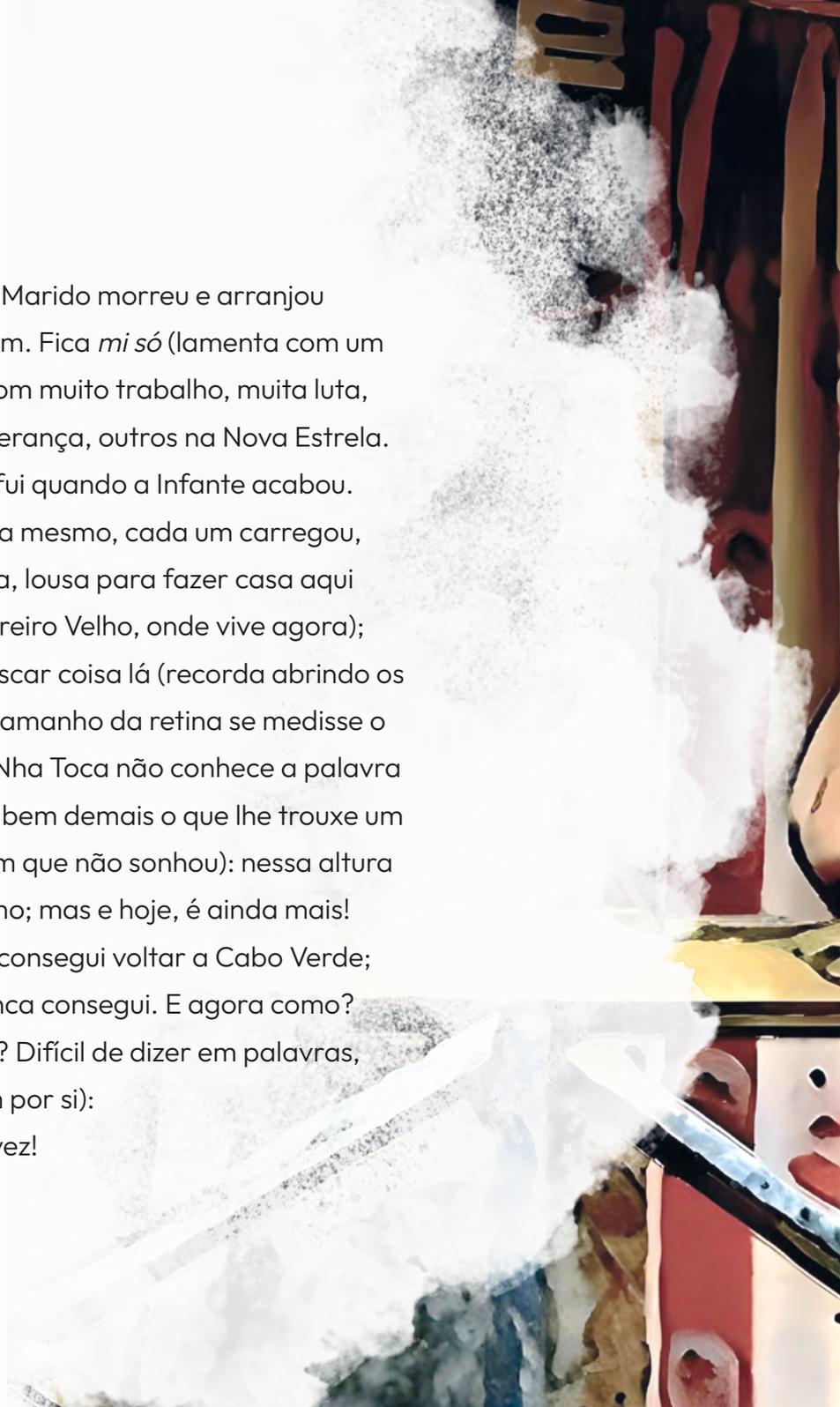




No dia de descanso, criançada brincava solta no terreiro, no mato ou ia à praia. Era festa, mas faziam medo os mortos que moravam no cemitério da Infante, ali ao lado da praia do embarcadouro da roça. Meninos preferiam outras praias, tomavam banho no rio e voltavam pelos caminhos sabidos das frutas maduras, rindo uns com os outros, brincadeira boa de criança alegre. Correndo, subindo árvore para apanhar fruta, manga tirada com pedra, os mais afoitos subiam nos coqueiros e jogavam aos companheiros lanche que mato oferecia. Tanto cacau, TANTO cacau!

Final do dia juntávamos com adultos que matavam saudades da terra natal, cozinhavam cuscuz e pastéis de milho, boas comidas! E danças: bulauê, funaná... Todos dançavam!

Casou menina ainda. Marido morreu e arranjou outro, outro morreu também. Fica *mi só* (lamenta com um sorriso triste). Criei filhos com muito trabalho, muita luta, vivem uns na roça Boa Esperança, outros na Nova Estrela. Foi para Nova Estrela que fui quando a Infante acabou. Gente destruiu tudo, pessoa mesmo, cada um carregou, carregou... veio telha, porta, lousa para fazer casa aqui (junto ao miradouro de Terreiro Velho, onde vive agora); teve gente com trator a buscar coisa lá (recorda abrindo os olhos muito, como se pelo tamanho da retina se medisse o tamanho da depredação. Nha Toca não conhece a palavra depredação, mas conhece bem demais o que lhe trouxe um futuro que não previa e com que não sonhou): nessa altura era tudo difícil, muito mesmo; mas e hoje, é ainda mais! Querer queria, mas nunca consegui voltar a Cabo Verde; sempre faltou dinheiro, nunca consegui. E agora como? Quê? (Que sonhos sobram? Difícil de dizer em palavras, mas as que encontra falam por si): tudo não pode acabar de vez!





34





“ – É uma beleza – disse Pedro Bala olhando o velho carrossel armado. E João Grande abria os olhos para ver melhor. Penduradas estavam as lâmpadas azuis, verdes, amarelas, roxas, vermelhas.

É velho e desbotado o carrocel de Nhozinho França. Mas tem a sua beleza. Talvez esteja nas lâmpadas, ou na música da pianola, velhas valsas de perdido tempo, ou talvez nos ginetes de pau. Entre eles tem um pato que é para sentar dentro os mais pequenos. Tem beleza, sim, porque a opinião unânime dos Capitães da Areia é que ele é maravilhoso. Que importa que seja velho, roto e de cores apagadas se interessa às crianças? ”

Jorge Amado, Capitães da Areia (1937)

OS INFANTES DO PRÍNCIPE E OS CAVALOS DA SUNDY

NOME

Neca

IDADE

70 anos

ORIGEM

Cabo Verde

Antigo trabalhador
da roça Sundy





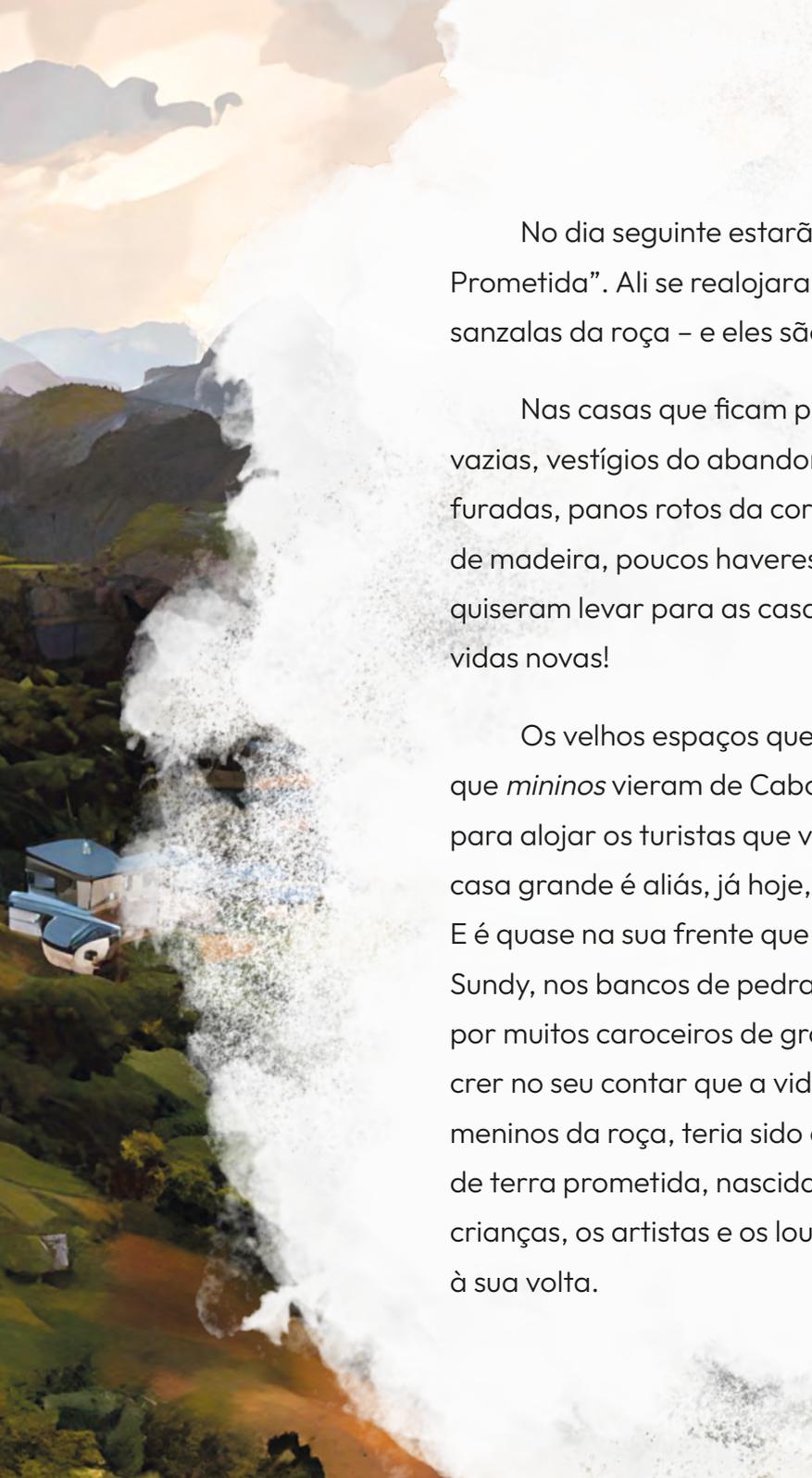
NOME
Lindi

IDADE
60 anos

ORIGEM
Cabo Verde

Antigo trabalhador
da roça Sundy





No dia seguinte estarão de mudança para a “Terra Prometida”. Ali se realojaram os moradores das antigas sanzalas da roça – e eles são dos últimos a ir.

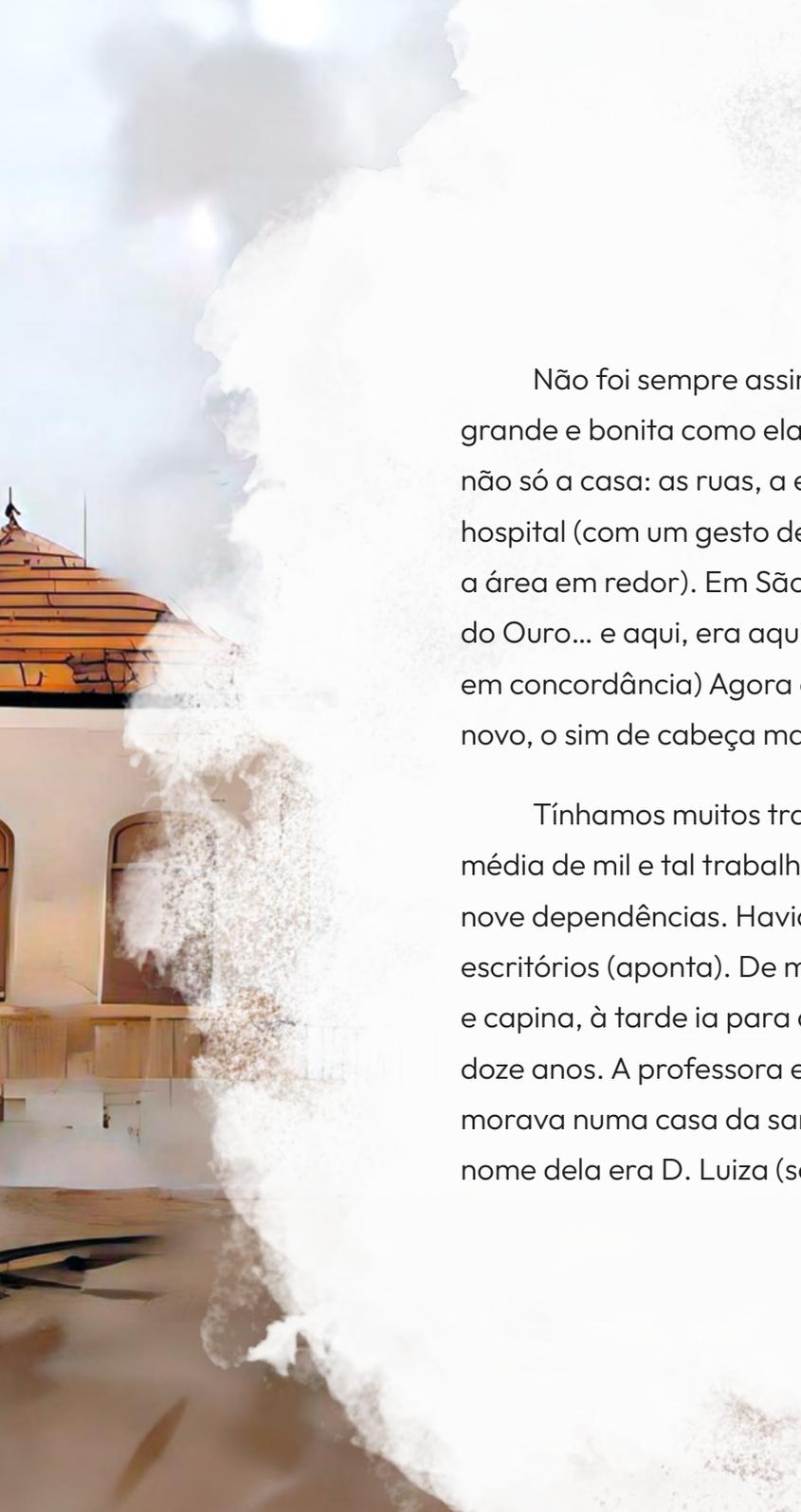
Nas casas que ficam para trás, agora praticamente vazias, vestígios do abandono: louças partidas, panelas furadas, panos rotos da cor da terra, cacos irreconhecíveis de madeira, poucos haveres que os que já foram não quiseram levar para as casas a estrear: casas novas, vidas novas!

Os velhos espaços que de sempre conheceram, desde que *mininos* vieram de Cabo Verde, serão recuperados para alojar os turistas que virão de muito mais longe. A casa grande é aliás, já hoje, uma beleza de reabilitação. E é quase na sua frente que se sentam os dois infantes da Sundy, nos bancos de pedra do grande terreiro, sombreado por muitos caroceiros de grande porte. Por vezes fazendo crer no seu contar que a vida dura que levaram como meninos da roça, teria sido a seu tempo uma espécie de terra prometida, nascida dessa habilidade que só as crianças, os artistas e os loucos têm de inventar um mundo à sua volta.









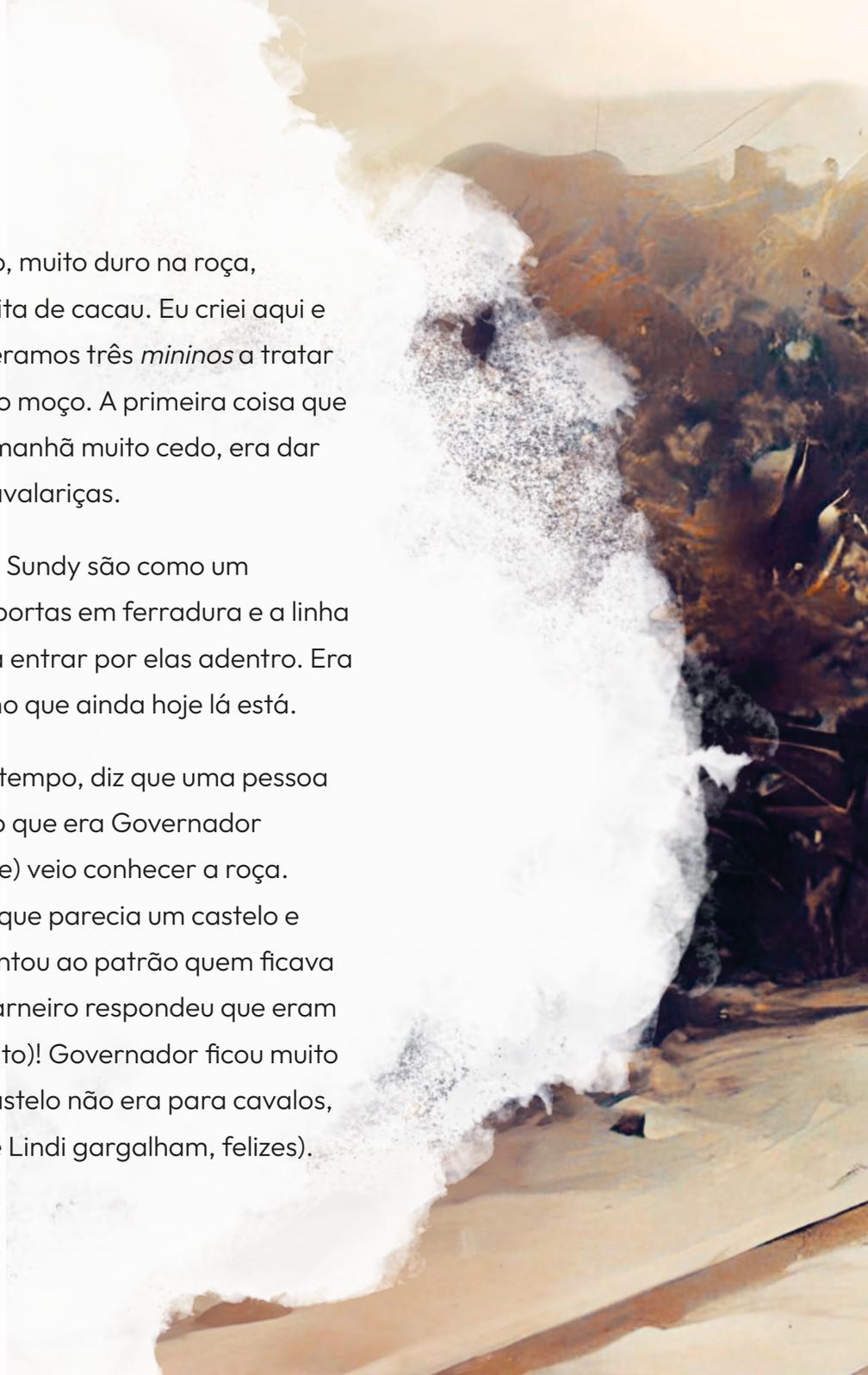
Não foi sempre assim, a casa grande. Mas foi sempre grande e bonita como ela só! A Sundy era uma maravilha, não só a casa: as ruas, a escola, as oficinas, as cocheiras, o hospital (com um gesto de braço largo, Neca engloba toda a área em redor). Em São Tomé a melhor empresa era Rio do Ouro... e aqui, era aqui! (Lindi faz que sim com a cabeça, em concordância) Agora é esqueleto! (Lindi concorda de novo, o sim de cabeça mais pronunciado).

Tínhamos muitos trabalhadores, só na sede era uma média de mil e tal trabalhadores, só aqui na sede! Tinha nove dependências. Havia escola, era ali onde é agora os escritórios (aponta). De manhã trabalhava, quebra de coco e capina, à tarde ia para a escola. Tínhamos dez, onze ou doze anos. A professora era cabo-verdiana, da Ilha Brava, morava numa casa da sanzala, era lá (torna a apontar). O nome dela era D. Luiza (sorri).

Trabalho era duro, muito duro na roça, principalmente a colheita de cacau. Eu criei aqui e era garoto de cavalo, éramos três *mininos* a tratar dos cavalos, nós e outro moço. A primeira coisa que a gente fazia, logo de manhã muito cedo, era dar milho, água e limpar cavalariças.

As cavalariças da Sundy são como um pequeno castelo, com portas em ferradura e a linha do caminho-de-ferro a entrar por elas adentro. Era onde dormia o trenzinho que ainda hoje lá está.

Um dia, há muito tempo, diz que uma pessoa muito importante, acho que era Governador (de São Tomé e Príncipe) veio conhecer a roça. Viu aquela construção que parecia um castelo e admirou muito e perguntou ao patrão quem ficava ali. E o Sr. Jerónimo Carneiro respondeu que eram as cavalgaduras (ri muito)! Governador ficou muito ofendido e disse que castelo não era para cavalos, era para gente (Neca e Lindi gargalham, felizes).









Patrão quando chegava ia sempre à Capela (de N.º Sr.ª de Lurdes), fazia lá as rezas dele, era muito religioso. Só depois entrava em casa e nos chamava, e dizia para a gente preparar os cavalos para ir lá para Terreiro Velho. Cavalos de patrão tinha de ser cavalos homem, os outros podiam ser fêmeas.

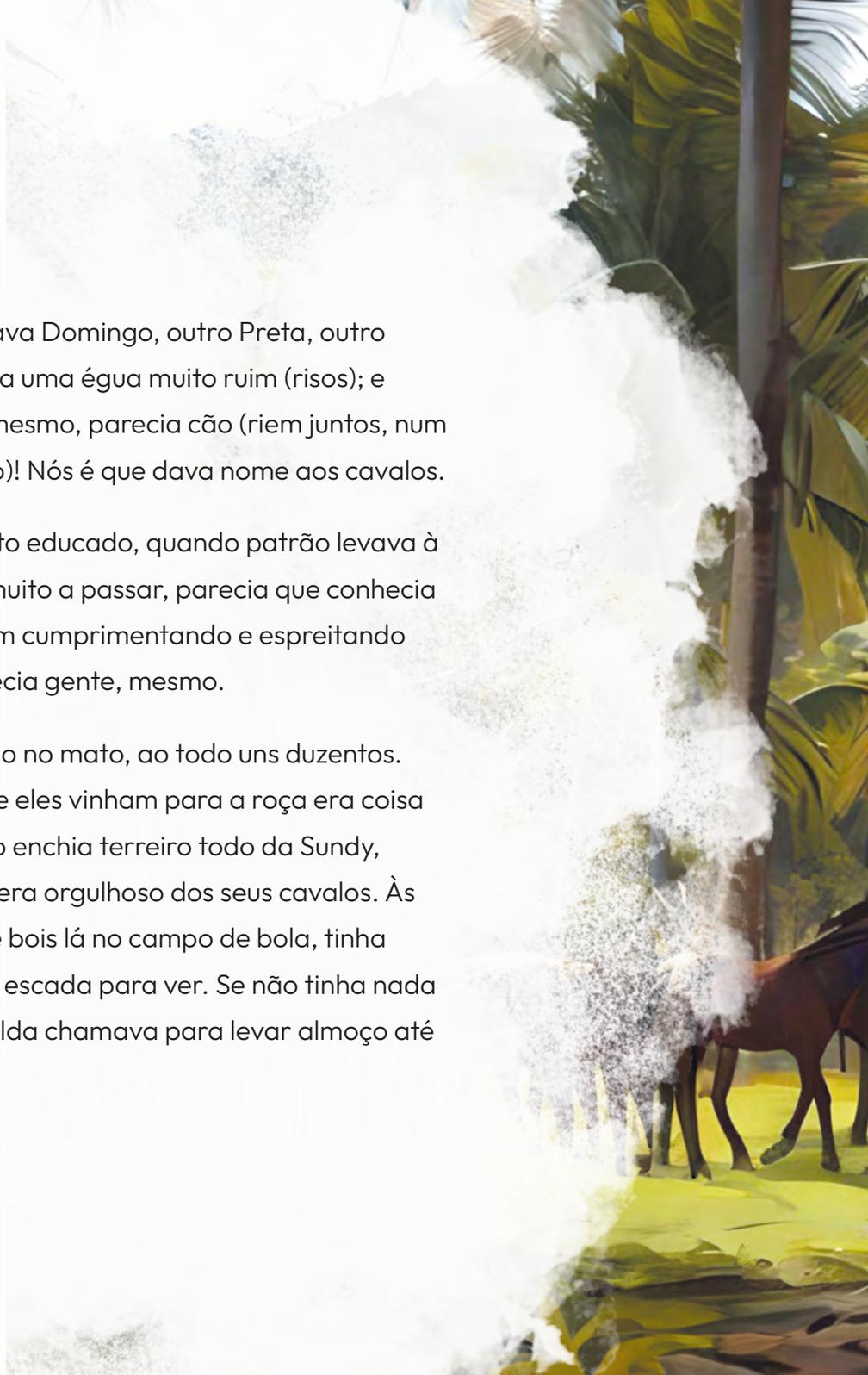
Íamos com patrão e feitor-geral de madrugada e só voltávamos no dia seguinte. Quando chega lá, patrão, feitor-geral e feitor de Terreiro pegam cavalo e vão girar mato para ver tudo, como estavam a trabalhar, como ia a colheita de cacau. Quando acabam era sete ou oito horas da noite, patrão volta com feitor de jeep e nós fica lá com os cavalos para voltar no outro dia.

De manhã, cada um pega seu cavalo e volta para Sundy. Cavalo chega molhado porque a gente tem pressa, é garoto, fazia corrida a ver quem chega primeiro. Quando era descida de Terreiro para cidade (Santo António), era quando corrida era melhor!

Um cavalo chamava Domingo, outro Preta, outro Vingança. Vingança era uma égua muito ruim (risos); e Preta mordida a gente mesmo, parecia cão (riem juntos, num misto de alegria e susto)! Nós é que dava nome aos cavalos.

Domingo era muito educado, quando patrão levava à cidade ele demorava muito a passar, parecia que conhecia as pessoas, ficava assim cumprimentando e espreitando nas lojas e portas, parecia gente, mesmo.

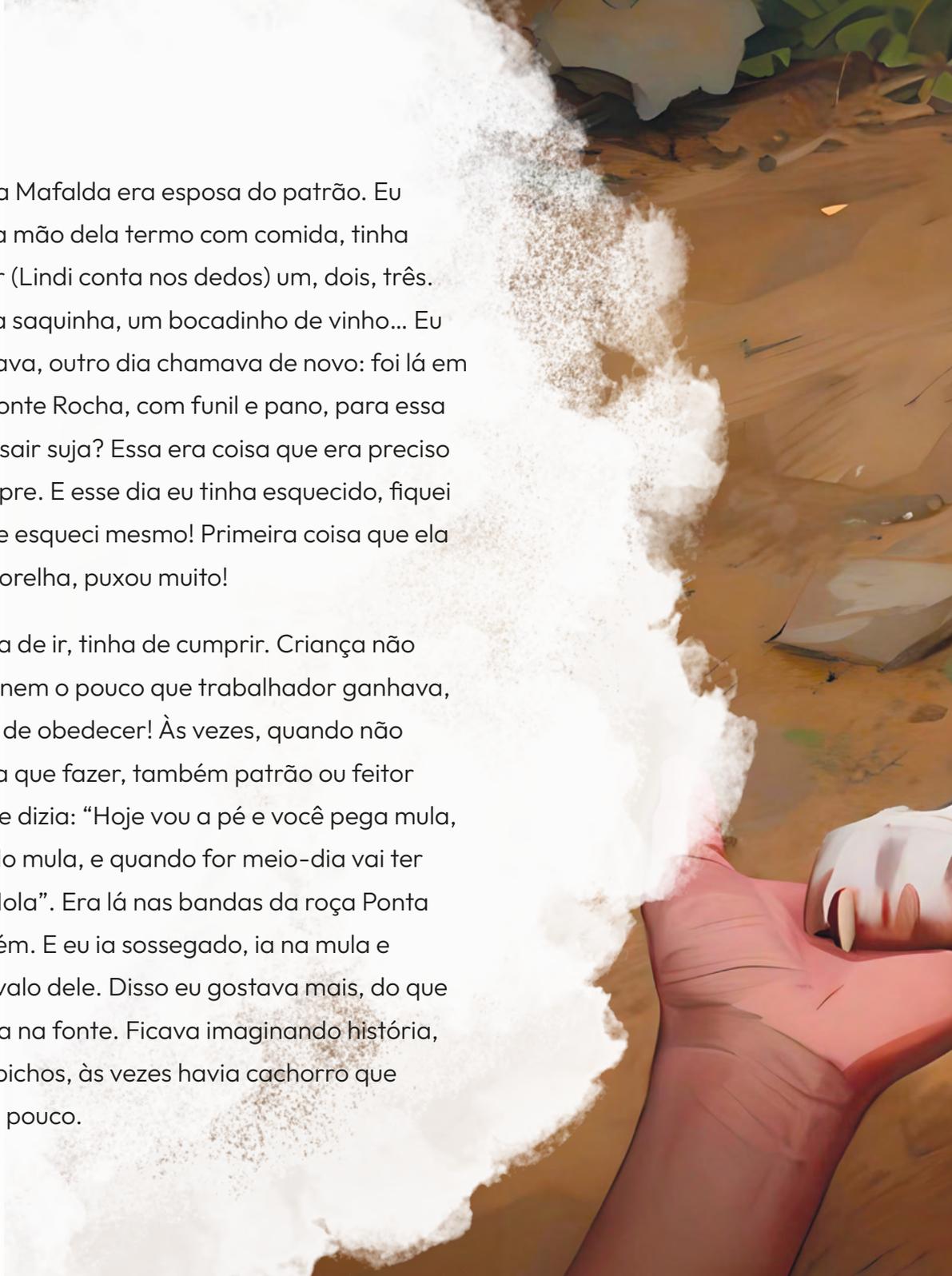
Tinha muito cavalo no mato, ao todo uns duzentos. Quando íamos buscar e eles vinham para a roça era coisa bonita de se ver, cavalo enchia terreiro todo da Sundy, bonito demais! Patrão era orgulhoso dos seus cavalos. Às vezes havia tourada de bois lá no campo de bola, tinha tribuna e gente subia a escada para ver. Se não tinha nada para fazer, Dona Mafalda chamava para levar almoço até feitor, lá em Ponta Sol!





Dona Mafalda era esposa do patrão. Eu pegava na mão dela termo com comida, tinha três andar (Lindi conta nos dedos) um, dois, três. Tinha uma saquinha, um bocadinho de vinho... Eu ia, eu voltava, outro dia chamava de novo: foi lá em baixo, à Fonte Rocha, com funil e pano, para essa água não sair suja? Essa era coisa que era preciso fazer sempre. E esse dia eu tinha esquecido, fiquei a brincar e esqueci mesmo! Primeira coisa que ela pegou foi orelha, puxou muito!

Tinha de ir, tinha de cumprir. Criança não ganhava, nem o pouco que trabalhador ganhava, mas tinha de obedecer! Às vezes, quando não tinha nada que fazer, também patrão ou feitor chamava e dizia: “Hoje vou a pé e você pega mula, esse cavalo mula, e quando for meio-dia vai ter comigo a lola”. Era lá nas bandas da roça Ponta Sol, também. E eu ia sossegado, ia na mula e levava cavalo dele. Disso eu gostava mais, do que catar água na fonte. Ficava imaginando história, vendo os bichos, às vezes havia cachorro que seguia um pouco.





“ *Nasci adulta, morrerei criança* **”**

Agustina Bessa-Luís, *Um Cão que Sonha* (1997)

A CAMINHO DA ESCOLA



NOME
"Vaninha"
Joaninha

IDADE
62 anos

ORIGEM
Cabo Verde

Antiga trabalhadora
da roça Porto Real



NOME

Nho Lino

IDADE

59 anos

ORIGEM

Cabo Verde

Antigo trabalhador
da roça Porto Real



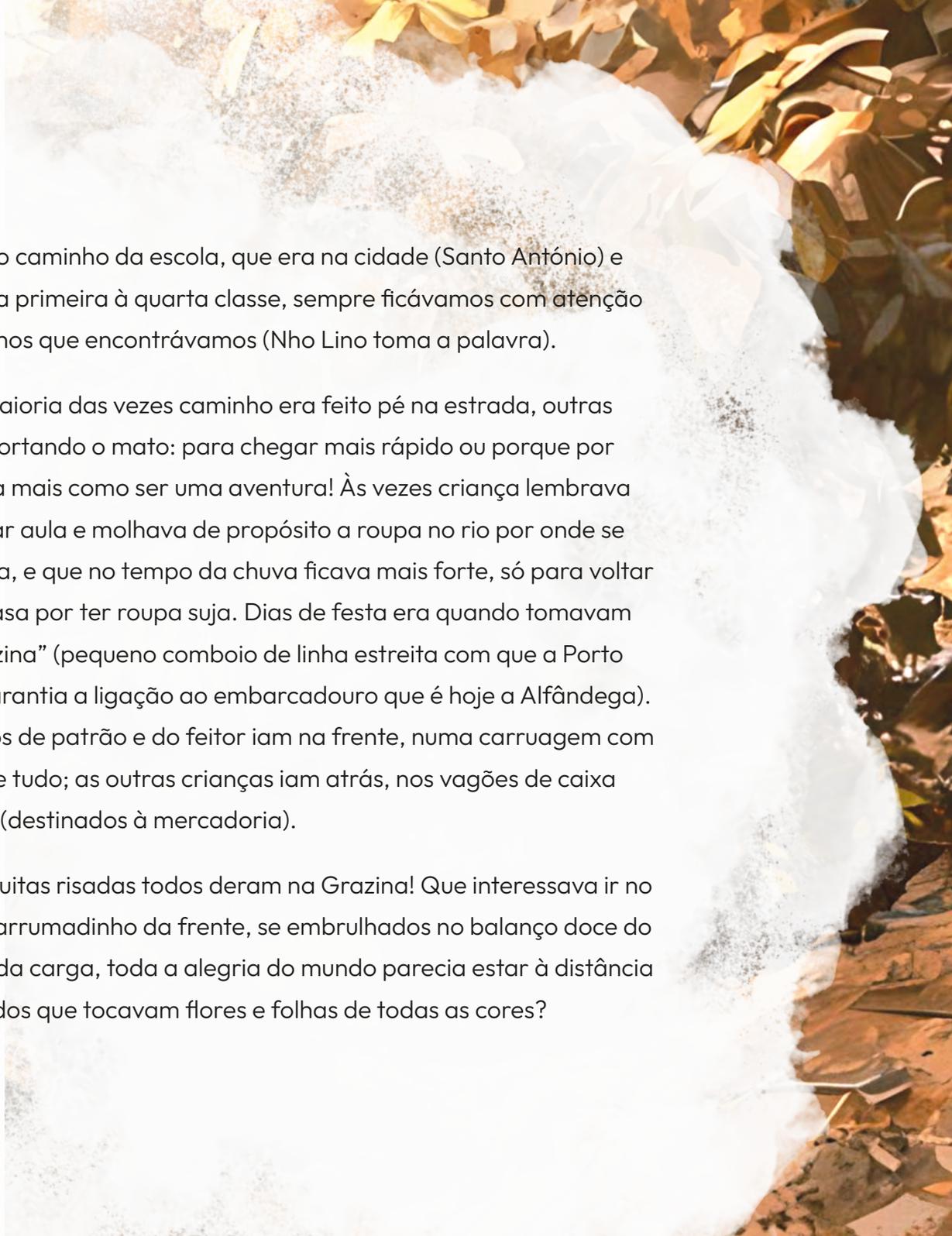


Cresci aqui na Porto Real (quem conta é “Vaninha”, Joaninha) e todo o dia ajudava minha mãe. Às vezes ela pedia para eu ir no mato ali perto, tirar matabala, cortar capim, trazer madeira para fogão. Iam comigo outras crianças também.

Uma certa vez, caminhando no mato por onde tinha já visto planta de matabala bem grande e bonita, sem ver, pisei cobra e desatei a correr e assustei mesmo! Mas quando vi era gita, era grande e comprida, cor amarela escura... não faz mal, essa cobra não pica. Só come rato e bicho pequeno. Foi só susto! Não tem na ilha muito bicho de dar medo, o que mais tem é pássaro. Papagaios cinzentos de penas vermelhas no rabo. E guarda-rios, azuis, azuis, bicos laranja bem vivo!







No caminho da escola, que era na cidade (Santo António) e tinha da primeira à quarta classe, sempre ficávamos com atenção nos bichos que encontrávamos (Nho Lino toma a palavra).

Maioria das vezes caminho era feito pé na estrada, outras vezes cortando o mato: para chegar mais rápido ou porque por ali tinha mais como ser uma aventura! Às vezes criança lembrava de faltar aula e molhava de propósito a roupa no rio por onde se passava, e que no tempo da chuva ficava mais forte, só para voltar para casa por ter roupa suja. Dias de festa era quando tomavam a “Grazina” (pequeno comboio de linha estreita com que a Porto Real garantia a ligação ao embarcadouro que é hoje a Alfândega). Os filhos de patrão e do feitor iam na frente, numa carruagem com banco e tudo; as outras crianças iam atrás, nos vagões de caixa aberta (destinados à mercadoria).

Muitas risadas todos deram na Grazina! Que interessava ir no banco arrumadinho da frente, se embrulhados no balanço doce do vagão da carga, toda a alegria do mundo parecia estar à distância dos dedos que tocavam flores e folhas de todas as cores?



60



“Amava a ilha como um éden sem limites, eu a quem tinham arrebatado aos braços dos pais, feito servo e expedido para a morte no que se julgava um inferno donde ninguém retornaria. Mas as criaturas crescem com o que a Natureza lhes oferece, afeiçoam-se aos seus movimentos, desenvolvem talentos de que se imaginavam destituídas.

Quando aqui arribei, atingiu-me a frente a bola de fogo que fractura as rochas, reduz a papa os frutos que tombam das árvores, arranca a pele às víboras que enlouquecem de sede. E ganhei ânimo a um sinal de que a febre dependia de mim. Após suar quantos líquidos no corpo se acumulam, mais fraco e mais purificado do que nunca, ergui-me e quedei-me na contemplação. A Ilha compunha um anel comigo no centro, e tudo o que na Criação existia situava-se-me ao alcance dos dedos. A floresta abrigava-me do martírio do sol, os bichos respiravam para meu serviço, as chuvas inundavam o solo que me sustentava. Se assim não era, assim me parecia, e tanto bastava para que não morresse.

Aprendi a designar as arvores, os arbustos e as ervas, estudei a sua utilidade e a sua reprodução, debrucei-me para a Ilha como quem se dobra para um livro, munido da lente que lhe amplia os caracteres. (...) E o meu tormento desabrochou, e cingiu-me de aromas e fantasmas, e chamava-se como hoje São Tomé. ”

Mário Cláudio, Oríon (2003)

Nossas ilhas são bonitas
São ilhas de sol e mar
Suas gentes ao luar
Contam estórias de encantar

São estórias de outros tempos
Guardadas por gerações
Que entre marés e ventos
Perpetuam tradições

De Cabo Verde os cantares
Entre mornas e batuques
E da Guiné os tambores
E o ritmo do gumbé

De Moçambique as timbilas
Património universal
E de São Tomé que tal
Um gostoso socapé

Gumbé gumbé
Nas ilhas do encantamento

Gumbé gumbé
Nas ilhas do encantamento

*Composição original - **Teté Alinho***



**Podes ouvir a
música aqui!**









Ficha Técnica

Título: Pequenos Príncipes

Autoria: Edição de Sara Marques Pereira, a partir de clássicos da literatura e das histórias de vida de Nha Toca, Nho Lino, Neca, Lindi, “Vaninha” Joaquina e Tio Eduíno

Ilustração: Inteligência Artificial, a partir da conversão de testemunhos narrados, fotografias e postais

Coordenação Editorial: Renata Monteiro Marques

Coordenação Geral: Associação Marquês de Valle Flôr e SPHAERA MUNDI

Edição: 1ª Edição

Volume 3

Design e Paginação: A Cor Laranja

Impressão: Onda Grafe

Tiragem: 100 exemplares

ISBN: 978-989-35474-5-8

Ano: 2024





ILHAS E ENCANTAMENTOS



ilhasencantamentos.org

Esta publicação foi produzida com o apoio financeiro da União Europeia. O seu conteúdo é da exclusiva responsabilidade dos seus autores e não reflete necessariamente a posição da União Europeia.

Esta publicação foi produzida com cofinanciamento do Camões, I.P. Os conteúdos são da responsabilidade exclusiva dos seus autores. Nem o Camões, I.P, nem qualquer pessoa agindo em seu nome é responsável pela utilização que possa ser dada às informações contidas na presente publicação. O seu conteúdo não implica a expressão de opinião do Camões, I.P ou do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal. A referência a ações, produtos, ferramentas ou serviços específicos não implica que estes sejam apoiados ou recomendados pelo Camões, I.P. ou que lhes seja atribuída qualquer preferência relativamente a outros não são mencionados.



Casa da Cultura
de São Tomé e Príncipe

Ação financiada pela União Europeia, cofinanciada e gerida pelo Camões, I.P.